

# Vidas em Vocação

*Neste mês vocacional, é tempo de lembrar que a meta comum de todos os discípulos de Cristo é a “vocação à santidade e à missão de evangelizar o mundo (...) cada qual conforme vocação própria, participando da missão de Jesus” (Catecismo da Igreja Católica, CIC 1533 e 1546).*

*Neste Ano Jubilar, em que cada católico é chamado a ser “fermento de esperança genuína [e dar] testemunho da presença de Deus no mundo” (Papa Francisco, bula Spes non confundit), o jornal O SÃO PAULO apresenta nas páginas a seguir relatos de sacerdotes, pais, religiosos consagrados e leigos catequistas sobre a própria vocação e como, a partir dela, eles se fazem sinais de esperança no mundo.*

## Configurados a Cristo Sacerdote

### Cura d’Ars: exemplo para todos os presbíteros

#### Redação

Ele passava até 16 horas por dia no confessionário e atendia, a cada ano, cerca de 80 mil peregrinos que iam à aldeia de Ars, na França, para se confessar. Não por acaso, São João Maria Vianney ficou conhecido como o “incansável apóstolo do confessionário” e foi proclamado “padroeiro dos párocos do mundo”, pelo Papa Pio XI, em 1929.

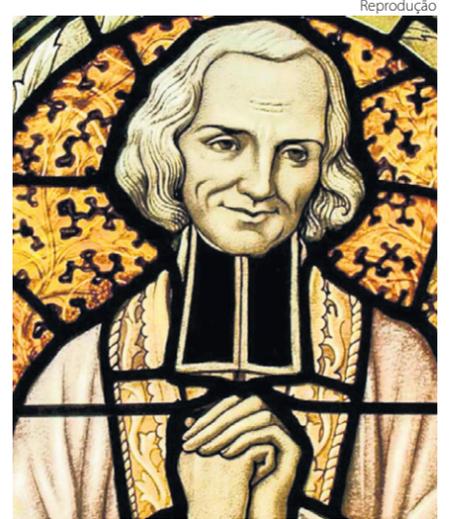
João Maria Vianney nasceu em 1786 no seio de uma humilde família camponesa, na cidade de Dardilly, na França. Começou a trabalhar no campo ainda na infância e somente foi para a escola aos 17 anos de idade. Tempos depois, ele ingressou no Seminário Maior de Lyon, porém, devido à sua formação escolar tardia, não tinha conhecimento suficiente de latim e enfrentou muitas dificuldades para entender os estudos filosóficos e teológicos. Por isso, foi enviado para um seminário privado, em Ecceuly, no qual conseguiu concluir seus estudos.

Ordenado sacerdote em 13 de agosto de 1815, não lhe foi dada inicialmente a autorização para atender Confissões, pois o julgavam incapaz de guiar as consciências. Um ano depois, foi designado como Vigário-capelão em Ars, à época com pouco mais de 200 habitantes, conhecida pela fama de seus cabarés e pelas bebedeiras da população. Na encíclica *Sacerdotii nostri primordia*, São João XXIII afirma que o Cura d’Ars impunha a si próprio constantes mortificações e rogava constantemente a Deus pela santifica-

ção do povo daquele pequeno vilarejo. Também dedicava-se à pregação e à catequese e estava sempre disponível para Confissões.

Uma década depois da chegada do Padre, viu-se uma Ars transformada, com a igreja sempre cheia e muitas pessoas, de diferentes localidades, à procura do sacramento da Reconciliação, a ponto de a vila passar a ser chamada de “o grande hospital de almas”.

São João Maria Vianney morreu em 4 de agosto de 1859. Na cerimônia de sua canonização, há exatos



*O Coração de Cristo, trespassado por amor, é a carne viva e vivificante que acolhe cada um de nós [sacerdotes], transformando-nos à imagem do Bom Pastor. É ali que se compreende a verdadeira identidade do nosso ministério: ardentes da misericórdia de Deus, somos testemunhas alegres do seu amor que cura, acompanha e redime. [...] A festa de hoje renova nos nossos corações o chamamento ao dom total de nós mesmos no serviço do povo santo de Deus. Esta missão começa com a oração e continua na união com o Senhor, que continuamente reaviva em nós o seu dom: a santa vocação ao sacerdócio. [...] Não tenhais medo da vossa fragilidade: o Senhor não procura sacerdotes perfeitos, mas corações humildes, abertos à conversão e prontos a amar como Ele mesmo nos amou.*

(Papa Leão XIV, Mensagem para o Dia Mundial de Oração pela Santificação do Clero - 27/06/2025)

cem anos, em 1925, o Papa Pio XI recordou o rosto esguio do Santo “desgastado pelo jejum, de onde a inocência e a santidade da sua alma humilde e dulcíssima brilhavam tão intensamente”. O próprio Cura d’Ars chegou a afirmar que vigiava e jejuava para que os fiéis alcançassem a redenção dos pecados: “Dou aos pecadores uma pequena penitência e o resto, faço eu no lugar deles”.

## ‘Ser padre é ser um peregrino de esperança’

#### Daniel Gomes

Ordenado sacerdote em 2015, bacharel em Ciências da Educação e mestre em Catequética, ambos pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, o **Padre João Henrique Novo do Prado**, 36, é o atual Reitor do Seminário Propedêutico Nossa Senhora da Assunção.

No dia a dia de convivência com aqueles que estão no primeiro estágio formativo de preparação para o sacerdócio, Padre João Henrique compartilha que o Sacerdote “deve levar esperança a muitos corações feridos, aflitos e desesperados. Esta esperança é o próprio Jesus, que consola a todos e que nos fortalece para seguir adiante”.

“Como padre, procuro ser sinal de esperança todos os dias para as pessoas que encontro, fazendo-me próximo delas, compartilhando de suas alegrias e de suas tristezas, acalentando-as com a celebrações dos sacramentos, principalmente a Eucaristia e a Confissão, e ofertando minhas ora-



**Padre João Henrique é Reitor do Seminário Propedêutico e Coordenador da Pastoral Vocacional**

ções por todos aqueles que Deus me confia”, conta.

À luz deste Ano Santo, Padre João Henrique assegura: “Ser padre é ser um peregrino de esperança, é caminhar junto ao povo de Deus, sendo para este amado povo um sinal vivo de esperan-

ça em um mundo marcado por tanta desesperança e de muitos corações dilacerados. Além disso, entendo o sacerdócio ministerial como um consumir a vida, ofertando tudo o que sou, para, a partir dessa oferta, as pessoas se encontrarem com Cristo”.

Coordenador da Pastoral Vocacional e do Centro Vocacional Arquidiocesano desde 2023, o Sacerdote afirma que “do seio familiar devem despertar vocações para a Igreja”, mas lamenta que, atualmente, a maioria das vocações não provêm da experiência de um lar católico: “O jovem descobre a vocação depois de um momento de conversão e caminha muitas vezes sozinho; há também situações em que a pessoa sente o chamado, mas a família não a apoia, não a incentiva. Ora, o papel da família é despertar, gerar, incentivar e acompanhar as vocações que depois vão amadurecendo na vida das comunidades eclesiais”.

Por fim, Padre João Henrique destaca que o “discernimento vocacional se faz com a Igreja e não sozinho, por isso a importância da participação dos vocacionados nas paróquias e comunidades de fé. E esse vocacionado acaba sendo um exemplo para outros jovens que podem também se sentirem chamados por Deus para uma vida de doação e de consagração”.

Luciney Martins/O SÃO PAULO

## Pai - Vocação para a vida e a família

# ‘Meus filhos me deram um novo sentido à vida’

**Daniel Gomes**

Como viver plenamente a vocação à paternidade? Para **Felipe Del Nero Cornibert**, 36, casado com Aline há seis anos e pai do Mateus (4 anos e 10 meses), Rafaela (2 anos e 5 meses) e Ana Luiza (10 meses), o primeiro passo é o homem reconhecer que o Matrimônio “é um grande mistério” – conforme disse São Paulo na carta aos efésios – “destinado a ser vivido à imagem verdadeira do amor de Deus. Por isso, peço sempre a Deus que me permita apoiar inteiramente em Sua graça”.

O consultor de projetos assegura: “Não há muito segredo para desempenhar bem esta vocação. Para fortalecer-se na fé, é preciso praticar e estar disposto à entrega total a uma vontade superior. E o caminho certo é por meio de Cristo, principalmente pelos sacramentos e a oração, sobretudo sobre a Santa Eucaristia. Aqui em casa, fazemos ao máximo que a família esteja junta e participe da Santa Missa na maior frequência possível. Além disso, criamos momentos de rezarmos juntos ao longo do dia, nem que sejam pequenas orações e jaculatórias”.

Felipe, que participa do movimento Famílias de São José e integra a Pastoral



Felipe Del Nero Cornibert com sua esposa, Aline, e os filhos Mateus, Rafaela e Ana Luiza

da Família da Paróquia Nossa Senhora do Brasil, na Região Sé, também destaca que para ser um bom pai é preciso que o homem se entregue completamente a essa missão maior e renuncie a parte de suas vontades, para, de coração aberto, cuidar da educação dos filhos, sobretudo na fé católica.

“Testemunho que os meus filhos me deram um novo sentido à vida e me fizeram perceber que Deus me amou primeiro. Por meio deles, realmente pude ver que Deus me preparou a vida inteira para isso: me deu pais maravilhosos, irmãos, avós; depois, me deu a Aline para ser esposa até que a

morte nos separe; e, depois, três presentes inimagináveis: Mateus, Rafaela e Ana Luiza. Que venham mais, se for da vontade e do agrado Dele”.

Para os casais que ainda têm dúvidas sobre a abertura à vida, Felipe recomenda que sempre mantenham o coração aberto a esta possibilidade, e indica duas ações que o auxiliaram neste discernimento. “Primeiro, buscar um bom diretor espiritual. Foi assim que eu realmente abri os olhos para o egoísmo e para a falta de confiança e de amor a Deus (cf. Mt 7,11); depois, buscar o conhecimento, sobretudo por meio da riqueza incomparável de documentos do magistério da Santa Igreja Católica. Particularmente, eu me recorro às encíclicas *Casti Connubii*, *Humanae Vitae*, a exortação apostólica *Familiaris Consortio* e a Teologia do Corpo de São João Paulo II, além da história de conversão do casal Scott e Kimberly Hahn, contadas no livro ‘Todos os caminhos levam a Roma’. São argumentos sólidos que nenhuma pessoa intelectualmente bem-disposta conseguirá refutar”.

Por fim, Felipe Del Nero afirma que se esforça diariamente para ser sinal de esperança no mundo, sendo um bom exemplo para sua esposa, filhos, familiares, amigos e na comunidade de fé.

## ‘O casamento é uma dádiva de Deus’

“O Zequinha da Maria”. É assim que **José Antônio da Silva**, 62, é conhecido pela maioria das pessoas no Jardim Brasília, na zona Noroeste da capital paulista. O ajudante de madeira é casado há 30 anos, amor que frutificou nos filhos Gabriel, 27, e Vanessa, 24.

Atuante nas Pastorais do Dízimo, da Liturgia e da Limpeza, bem como no Encontro de Casais com Cristo da Paróquia Nossa Senhora das Dores, na Região Brasilândia, Zequinha e Maria sempre encaminharam os filhos na fé, por meio dos sacramentos da Igreja.

“Como pai, é muito importante rezar para que a família seja mais unida e cresça sempre na fé. Além disso, ter uma vida ativa na comunidade é muito importante para que os filhos possam se espelhar nas nossas atitudes, e, também, seguir os mesmos caminhos nas nossas comunidades”, ressalta Zequinha, lembrando que somente “pela fé e com muita oração” é possível superar os desafios que surgem ao longo do tempo na vida de um pai, o que inclui respeitar as escolhas dos filhos e acolhê-los com amor diante das incompreensões que sofrem.

Como alguém sempre



José Antônio da Silva (o Zequinha) em foto com a esposa Maria e os filhos Gabriel e Vanessa

*Pela sua própria natureza, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão ordenados à procriação e à educação dos filhos, que constituem o ponto alto da sua missão e a sua coroa.*

(Catecismo da Igreja Católica, 1652)

*Talvez o homem de hoje não sinta a beleza, a grandeza e conforto profundo contidos na palavra ‘pai’, com a qual podemos dirigir-nos a Deus na oração, porque hoje em dia a figura paterna com frequência não está suficientemente presente, e, também, muitas vezes não é suficientemente positiva na vida cotidiana. A ausência do pai, o problema de um pai não presente na vida do filho, é uma grande chaga do nosso tempo, e por isso torna-se difícil compreender na sua profundidade o que significa que Deus é Pai para nós. Do próprio Jesus, da Sua relação filial com Deus, podemos aprender o que quer dizer propriamente ‘pai’, qual é a natureza autêntica do Pai que está nos céus.*

(Papa Bento XVI, Audiência geral - 23/05/2012)

*O pai e a mãe deram-se um ‘sim’ total diante de Deus, o qual constitui a base do sacramento que os une; do mesmo modo, para que a relação interna da família seja completa, é necessário que digam também um ‘sim’ de aceitação aos seus filhos, aos que geraram ou adotaram e que têm a sua própria personalidade e carácter. Assim, eles irão crescendo em um clima de aceitação e amor, e é de se desejar que ao alcançar uma maturidade suficiente queiram dar, por sua vez, um ‘sim’ a quem lhes deu a vida.*

(Papa Bento XVI, Vigília de Oração do Encontro Mundial das Famílias - 08/06/2006)

disposto a dar “uma palavra amiga para cada pessoa que possa conversar”, Zequinha frequentemente dialoga com os mais jovens e outros casais sobre a vivência da paternidade: “Como pai, marido e esposo, casado há 30 anos – com uma mulher maravilhosa –, só posso dizer que o casamento é uma dádiva de Deus”, assegura, estimulando os recém-casados à abertura à vida.

“Jovem, que você possa começar seu casamento colocando Deus no centro de tudo e que você e sua esposa possam se amar muito para sempre. Ser pai é a melhor coisa do mundo. Quando você vê aquele ser vivo vindo ao mundo, sua vida nunca mais vai ser a mesma, tanto para alegria quando para tristeza. Com a graça de Deus e o amor de Maria, tudo suportamos e, assim, queremos que eles cresçam e sejam muito felizes”.

Por fim, Zequinha lembra que diante das preocupações que surgem conforme os filhos vão crescendo, é fundamental que os pais estejam alicerçados na fé: “Se nós não estivermos no caminho do Senhor não será fácil, mas com a graça de Deus, vamos firmes e fortes nessa vocação que Deus nos permitiu de ser Pai”. (DG)

# Religiosos Consagrados - Bênçãos para a humanidade e à Igreja

## ‘Deixa tudo e me segue’: Frei Paolo disse sim e ajudou a evangelizar na Amazônia

Tatianna Porto

Antes de vestir o hábito dos Frades Menores Capuchinhos, Frei Paolo Maria Braghini tinha uma vida estruturada: era atleta profissional de vôlei e estava noivo, mas ouviu um chamado que mudou tudo. Na ida a Lourdes, na França, para pedir a bênção a Nossa Senhora para seu futuro Matrimônio, ele sentiu uma inquietação e foi sozinho à gruta mariana às 2h da manhã. Diante da imagem da Virgem, ouviu no coração: “Deixa tudo e me segue”.

Dias depois, Paolo contou à noiva o que havia vivido. Tentaram continuar juntos, participando como casal de uma experiência missionária no Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (Pime), mas o chamado era mais forte. “Não nos separamos porque o amor acabou, mas porque chegou um chamado que ia além daquele amor”.

Frei Paolo fala com muito carinho daquela que ainda hoje é uma grande amiga: “Sou muito grato a Michela. Não é fácil encontrar um amor tão gratuito, que entende o



Missionário na Amazônia, Frei Paolo Braghini forma catequistas e inspira vocações entre os indígenas

bem do outro e o deixa ir.”

Durante uma viagem com a mãe à Grécia, ouviu de novo a voz interior: “Vai para Assis.” Sem nunca ter visitado a cidade nem conhecer a vida de São Francisco, partiu no dia seguinte. Durante as oito horas de trem, conheceu jovens que o convidaram para um encontro vocacional. Logo na entrada, um cartaz trazia a pergunta que martelava em seu coração: “Senhor, o que queres que eu faça?”

Na primeira palestra, ouviu o testemunho de Frei Gino Alberat, ca-

puchinho com mais de 40 anos de missão na Amazônia brasileira. “Fui invadido por uma alegria tão grande que não sei explicar. Senti que aquela era exatamente a vida que eu buscava.”

Ordenado sacerdote, Frei Paolo desembarcou na Amazônia em 1999. De Manaus até a tríplice fronteira com Colômbia e Peru, foram cinco dias de barco até a Paróquia São Francisco de Assis, na Diocese do Alto Solimões, então há 15 anos sem padres. “Em algumas comunidades, fui o primeiro a celebrar um batismo. Havia muita

violência, alcoolismo e suicídio entre os jovens. Eles gritavam por socorro.”

Aos poucos, Frei Paolo percebeu que o sofrimento daquele povo decorria da comparação com o mundo das cidades e da tevê. “Eles passaram a sentir vergonha de serem indígenas. Isso gerava tristeza, vício, auto-negação. Nossa missão foi mostrar a beleza da cultura deles, ajudá-los a amar novamente suas raízes e dizer que Deus assim os criou, e que eles são dom para todos do jeito que são.”

Ele aprendeu a língua ticuna, formou catequistas em cada comunidade e inspirou

vocações. Em 2020, aconteceu a ordenação do primeiro diácono ticuna. Hoje, jovens indígenas se preparam para o sacerdócio no seminário, e mulheres ticunas iniciam o caminho para fundar a primeira congregação religiosa da etnia.

Após 26 anos na floresta, Frei Paolo foi enviado de volta a Assis. “Nós evangelizamos o povo, mas são eles que mais me evangelizam. Eles me ajudaram a ser um franciscano melhor, pela fraternidade entre eles e pela harmonia com a natureza.”

## ‘Nossa vocação realiza a caridade de salvar almas’

Irmã Mirta Angélica nasceu em uma pequena cidade rural no Paraguai. Aos 14 anos, despediu-se da família e ingressou em uma congregação missionária. “Desde o início, porém, eu sentia um desejo pelo claustro, por essa oração escondida. Mas tinha medo, medo de perder o contato com minha família, principalmente com meus pais”, recordou.

A confirmação desse chamado veio aos 24 anos, de forma inesperada. “Descobri que estava com câncer nos ossos e precisei passar dois anos em tratamento, recolhida” O tempo de fragilidade e silêncio aprofundou a escuta interior. Com a cura, veio também a certeza: era hora de se entregar à vida contemplativa. Assim, ingressou na Ordem da Visitação de Santa Maria, fundada em 1610 por São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal, uma congregação de clausura, dedicada à oração, ao silêncio e à entrega total.

A obediência ao chamado, porém, não foi simples. Como filha mais velha de sete irmãos, Mirta enfrentou a resistência do pai, que sonhava vê-la jornalista e constituindo família. A mãe, embora sempre ao lado da filha, não escondia a dor da separação que a vocação exigia. “Durante quatro anos, meu pai não falou co-



Irmã Mirta, paraguaia, é monja de clausura na Ordem da Visitação de Santa Maria, no Brasil

migo. Foi um período muito difícil.”

O reencontro veio como graça inesperada. No dia de sua profissão religiosa no Brasil, a família, de ori-

gem muito simples, só pôde enviar um representante. E quem veio foi o pai. Durante a missa, as palavras do rito tocaram profundamente o

coração dele. Ao final, levantou-se, atravessou a igreja, foi até a filha e a abraçou longamente, chorando. Pediu perdão a Mirta e à superiora, com quem havia sido ríspido anos antes, quando a congregação buscava autorização para que ela, ainda menor de idade, pudesse viajar ao Brasil.

“Deus tinha seus planos”, repete hoje a Monja, com serenidade. E esses planos a conduziram ao silêncio do mosteiro, onde encontrou sentido e plenitude. “Durante meu discernimento, li uma frase de São João Paulo II que foi uma resposta clara de Deus para mim. Ele dizia que a vida monástica é como o coração da Igreja, escondido atrás das costelas, que se parecem com as grades do claustro, mas que bombeia vida para todo o Corpo.”

Muitas vezes, religiosas de vida contemplativa são questionadas sobre a “utilidade” desta vocação, comparando com as religiosas de vida ativa que atuam em escolas, hospitais e tantas realidades de necessidade humana. Com um sorriso doce, Irmã Mirta responde com firmeza serena: “Nossa vocação também realiza caridade, a caridade de salvar almas. A oração pela Igreja é um suporte para a missão. E eu sou plenamente realizada nesse chamado”. (TP)

*A vida consagrada está no coração da Igreja, como elemento decisivo para a sua missão, pois exprime a íntima natureza da vocação cristã.*

*A clausura evoca, assim, aquela cela do coração, onde cada um é chamado a viver a união com o Senhor. Acolhida como dom e escolhida como livre resposta de amor, aquela é o lugar da comunhão espiritual com Deus e com os irmãos e irmãs, onde a limitação dos espaços e dos contatos ajuda à interiorização dos valores evangélicos.*

*[Os religiosos consagrados] propõem, por assim dizer, uma ‘terapia espiritual’ para a humanidade, porque recusam a idolatria da criatura e tornam de algum modo visível o Deus vivo. A vida consagrada, especialmente em tempos difíceis, é uma bênção para a vida humana e para a própria vida eclesial.*

*(Citações extraídas da exortação apostólica Vita Consecrata, de São João Paulo II, números 3, 59 e 87)*

## Chamados a formar discípulos missionários

# O catequista ‘transmite o amor de Cristo às crianças’

Jennifer Silva

O ano era 1978 e Matilde Augusta iniciava sua missão como catequista em um dos grupos de rua da então Basílica Nossa Senhora da Penha, na zona Leste de São Paulo.

Hoje aos 80 anos de idade, 47 dedicados à Catequese, ela recorda que nunca havia imaginado servir à Igreja por meio desse ministério. Apesar de participar das missas semanalmente, não se sentia preparada para assumir a responsabilidade de transmitir a fé às crianças.

Seu chamado aconteceu quando tentou inscrever sua filha, então com 7 anos, no grupo de pré-catequese de um dos núcleos formados pela Basílica. No entanto, as reuniões aconteciam longe de sua casa. Matilde, então, recebeu o convite para criar um núcleo catequético nas proximidades de sua residência,



Matilde é catequista há 47 anos, tendo ajudado a formar na fé diferentes gerações na Basílica Nossa Senhora da Penha

reunindo as crianças da vizinhança.

O grupo acompanhado por Matilde começou com sete crianças e, após dois anos, já contava com 25 participantes, o que tornou necessária a transferência dos encontros para a própria Basílica.

“Eu iniciei a catequese com muita alegria. Apesar de já ter uma formação religiosa, não sabia como ensinar, mas fui percebendo que nada é impossível quando se caminha com Deus”, recorda Matilde.

Hoje, ela continua sua missão

como coordenadora, acompanhando a nova geração de catequistas do agora Santuário Nossa Senhora da Penha. Para as cinco catequistas que estão sob sua orientação, procura inspirar um ministério pautado no testemunho concreto da vivência do Evangelho, a partir da realidade de cada catequizando.

“Eu sempre digo: ser catequista não é como ser voluntária em outras áreas. O catequista é alguém que recebeu de Deus um dom, e é com esse dom que transmite o amor de Cristo às crianças”, explicou.

Mais do que transmitir conteúdos teológicos, Matilde acredita que o papel

do catequista é tornar Jesus conhecido e amado. Para ser uma boa catequista, ela assegura ser preciso, antes de tudo, ter disposição para “anunciar Jesus com simplicidade e verdade. Se a criança compreende esse amor, ela está catequizada”, conclui.

*O catequista é, ao mesmo tempo, testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja. Essa identidade só pode se desenvolver com coerência e responsabilidade por meio da oração, do estudo e da participação ativa na vida da comunidade.*

*O catequista é chamado, antes de tudo, a exprimir sua competência no serviço pastoral da transmissão da fé, que se desenvolve em suas diferentes etapas:*

*desde o primeiro anúncio que introduz no querigma, passando pela instrução que torna consciente da vida nova em Cristo e prepara, de modo particular, para os sacramentos da iniciação cristã, até a formação permanente, que permite que cada batizado esteja sempre pronto ‘a dar a razão da sua esperança a todo aquele que a peça’. Uma identidade que só mediante a oração, o estudo e a participação direta na vida da comunidade pode ser desenvolvida com coerência e responsabilidade.*

*Convém que, ao ministério instituído de catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, com participação ativa na vida comunitária, acolhedores, generosos, com espírito fraterno, formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica adequadas, e com experiência prévia na catequese.*

(Trechos da carta apostólica, sob a forma de motu proprio, *Antiquum Ministerium*, pela qual o Papa Francisco instituiu o ministério de Catequista)

## O privilégio de ‘participar da transmissão da Palavra, da graça e do conhecimento de Deus’

Aos 18 anos, Bruna Quilante sentiu-se chamada à vocação catequética. Ela define seu ministério como “um presente que vem de Deus, mas que, na verdade, foi muito mais frutuoso na minha vida do que, de fato, na vida daqueles que fui chamada a ensinar.” Há seis anos, atua como catequista na Paróquia Cristo Rei, da Diocese de Osasco (SP).

Ela recorda com carinho o testemunho de conversão de uma das famílias de um dos catequizandos, já que por meio dos encontros de Catequese e da participação nas missas “Cristo pôde entrar plenamente naquela casa”.

Para Bruna, hoje com 23 anos, ensinar a fé não apenas às crianças, mas envolvendo toda a família, é algo desafiador, isso porque muitos pais ainda inscrevem os filhos na catequese apenas por tradição, sem um verdadeiro desejo de iniciar as crianças na vida cristã.



Bruna Quilante (à esquerda da foto) com grupo de catequizandos na Diocese de Osasco (SP)

Bruna se inspira em três grandes exemplos de santidade para viver sua missão: “São João Paulo II, que, como papa, foi também um grande catequista; São João Bosco, pelo trabalho com os jovens; e a Beata Imelda, que, embora não tenha sido catequista, foi uma criança com profundo amor por Jesus Eucarístico e faleceu

no dia de sua primeira Comunhão.”

Casada com Victor Mascarenhas, também catequista, Bruna é mãe de Angello, de 10 meses, e está à espera do segundo filho. O casal compartilha experiências e dicas sobre a missão catequética na página do Instagram *Catequistas por Vocação*, que reúne mais de 164 mil seguidores.

Segundo ela, o conteúdo nas redes sociais surgiu da percepção de haver uma carência de materiais organizados e acessíveis para a condução dos encontros.

“Começamos a postar essas atividades e, com o tempo, muitos catequistas foram chegando. Mas também apareceram muitas pessoas que não conheciam a fé, com dúvidas. Assim, o que começou como um espaço de apoio entre catequistas acabou se tornando também um ambiente de evangelização e diálogo com quem deseja conhecer o Catecismo”, conta.

Como catequista, mãe e esposa, a catequese faz parte de sua vida. Ao testemunhar a fé em sua rotina familiar, ela contribui para a formação de outras vocações: “Eu acho que ser catequista é, verdadeiramente, um privilégio: é participar da transmissão da Palavra, da graça e do conhecimento de Deus para outras pessoas”, conclui. (JS)